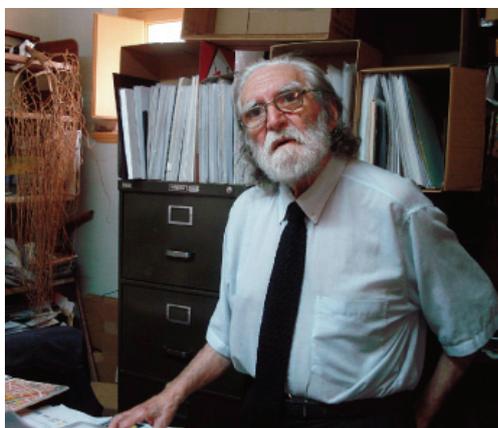


Angela Weingärtner Becker
Cândida Maria Vuolo

O MAGO DOS LADRILHOS HIDRÁULICOS

Angela Weingärtner Becker



Cândida Maria Vuolo



No prédio da FAU, onde funciona o curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, circulava, até há bem pouco tempo, um simpático senhor que parecia ser contemporâneo do nascimento da Vila Penteadão. Mais ainda: ele parecia ter surgido com o próprio tempo. Assim como transitava pelos aposentos do velho casarão, transitava também entre professores, alunos, funcionários e vizinhos da rua Maranhão. Falo de Antônio Carlos Alves de Carvalho, o ACAC. Essa era sua grife pessoal com a qual marcava absolutamente tudo o que fazia. De cartões a coleções.

Por causa dele, fiz da FAU uma querida vizinha. A megacidade se tornava amiga e provinciana, com esse velho senhor de universais cabelos brancos. Todos os dias eu o visitava e assistia à procissão de alunos que com ele se aconselhavam, conversavam, confidenciavam. Professores iam ao porão onde se instalara, para sentar e beber de sua humanidade. Ele fazia um amálgama entre plantas, animais e gente, não importando hierarquias. Lá ele tinha um gato, algumas pombas, uma enorme samambaia, um coqueiro e caixas e caixas de ladrilhos hidráulicos. Alguns deles em perene mostra, no porão, que, por democracia pessoal, era dele. *“Basta alguém nascer, para imediatamente ter todos os direitos de um ser humano”*, dizia.

Mas é de ladrilhos hidráulicos, sua paixão, que aqui devo tratar. *“Este piso possui matizes humanos. O mundo precisa de delicadeza e arte”*, dizia Carvalho, ou Carvalhinho, como muitos o chamavam. *“Sua manufatura lembra os ofícios culinários: fazer a massa, untar uma superfície, montar, desenformar, deixar repousar, mergulhar em água, dispor numa prateleira para curtir.”* Resumia assim, em uma frase, toda uma técnica do fazer. Ele possuía raras fotografias, realizou quatro exposições, amealhou ladrilhos de entidades históricas de São Paulo, cidade que amava tanto como a FAU, ou como a si mesmo.

Em sua cabeça quixotesca, salvava a cidade, salvava o mundo, mas, acima de tudo, salvava aquele artesanato ameaçado de extinção como planta ou bicho raro. Um artefato ligado ao afeto, sobrevivente de um tempo em que os objetos eram feitos com outros gestos, outros significados, outros amores.

pós- 027

Carvalho era um apaixonado. Tanto pela natureza como pelas coisas que o homem faz. Falava, com desenvoltura, da culinária finlandesa, do acampamento árabe, da montagem de um circo, da técnica do faquirismo. De tudo ele participara. Mesmo que isso fosse produto de sua imaginação, era belo ouvi-lo falar. Suas palavras ressoavam como sinos. Ouvíamos sobre a vez em que andou descalço com João Cabral de Mello Neto, em Sevilha. Da travessia feita na Praça Vermelha, em Moscou, em mangas de camisa, em pleno inverno. Da última viagem no Concorde. Dos dois acidentes aéreos aos quais sobreviveu. Das quatro vezes em que foi preso político. Dos banhos que tomava com terno e gravata, “*um ritual para lavar-se das intrigas da civilização*”. Da pedra que buscou no Japão e que está no Ibirapuera, ou da bisavó que surrou um padre adúltero.

Ele se fazia gostar sem questionamentos. Facilmente se podia compará-lo com a personagem de Gabriel Garcia Marques, o velho José Arcádio Buendía, que foi morar debaixo de uma amendoeira. Seu nome, Carvalho, nome de árvore, e sua admiração pelos verdes musgos das árvores da FAU, lembrava aquele velho patriarca.

Foi homenageado em dezenas de monografias que os alunos testemunhavam em dedicatórias, em livros. Eu mesma o fiz em *No chão da cidade de São Paulo, a memória e o afeto do ladrilho hidráulico*, obra a qual ele carregava debaixo do braço, mostrando, a todos, o orgulhoso filho dele. E era mesmo ele, a gênese de tudo.

Sua coleção de ladrilhos hidráulicos florescia. De longe vinham peças. Do Rio Grande do Sul, do Maranhão, do Tocantins, de Santa Catarina, de Pernambuco. De longe vinham as manifestações de afeto. A mim caberia respondê-las, por e-mail. Sobre sua saúde, sobre sua coleção. Das fábricas pediam notícias, dos outros estados, notícias. E, de perto, os funcionários lhe faziam agrados. Um cafezinho, um chá para suas dores, uma fruta, uma flor para sua garrafa-vaso, no porão.

Com ele se ria e chorava-se também. Havia essa permissão tão rara. Conversava-se sobre tudo. Mas o tema, sempre e novamente eleito, era o ladrilho hidráulico.

Um dia passei o e-mail lacônico e último. Carvalho voara para o infinito que tanto prescrutara. Sem nenhuma morbidez.

Um piso ligado ao afeto

“Lembra os ofícios culinários. Fazer a massa, untar uma superfície, montar, desenformar, deixar repousar, imergir em água, dispor numa prateleira para curtir”. Essa era a metáfora preferida de Antônio Carlos Álvares de Carvalho sobre o processo de manufatura do ladrilho hidráulico.

De fato, esse artesanato se dá em torno de uma mesa, onde está a prensa. Os artesãos se agrupam, dividindo o mesmo espaço, as mesmas ferramentas, em uma velha ordem familiar, aprendiz e mestre juntos. O molde é passado de mão em mão, enquanto as etapas de manufatura vão se alternando.

O ladrilho hidráulico resulta da mistura de areia, água, cimento portland, pó de mármore e granito e mais os óxidos de ferro que expõem as cores. Usam-se secantes à base de pó de pedra e cimento seco. Cada peça possui duas camadas de argamassa e outra mais superficial (entre 5 e 7 mm) que vai receber os pigmentos, em combinação dos tons básicos dos corantes. A palavra *hidráulico* surge da cura que é feita com água e não com fogo, como acontece com o azulejo.

Todo o processo começa com o molde. Ele forma a composição, o desenho. Há moldes simples e outros complexos que exigem a motricidade fina do artesão.

O molde é fixado em esquadro de ferro, limpo e untado com uma mistura de óleo e querosene. O artesão preenche com cores as canaletas do molde. Este, quando

mais sofisticado, pode ter um conezinho onde o pigmento é derramado, facilitando a escoagem até o final das canaletas.

Em seguida, a forma é retirada e a umidade em excesso é absorvida pelo pó secante. Depois, acrescentará a argamassa, que é a base do ladrilho. O artesão nivela a argamassa e então vai à prensa. O ladrilho é prensado com um ou dois movimentos. A observação e a prática dão a medida de força desse impulso que deve ser perfeito e igual. Essa intensidade e tempo corretos são empíricos, equivalem ao “ponto” nas artes culinárias. Um tampão de ferro comprime, na prensa, as três camadas que ficarão amalgamadas, proporcionando enorme resistência à peça.

Quando o ladrilho está pronto, fica uma noite na prateleira para criar alguma solidez, podendo depois ser manipulado. Aí é colocado em imersão na água. O artesão olha o aspecto do ladrilho e sabe quando absorveu a água necessária. Isso se dá em duas horas, mais ou menos, conforme informa André Cunha, da fábrica Brasil Imperial. Segue-se o escoamento da água e a secagem em prateleiras ventiladas.

Sua durabilidade é excepcional. Por possuírem desenho e cores estruturadas em boa espessura e não apenas em película fina, garantem as condições ideais de resistência. Exemplos de sua durabilidade são: o Museu Paulista, as Igrejas Santa Cecília, Nossa Senhora da Consolação, Imaculada Conceição, Santa Casa de Misericórdia, Colégio Sion e outras entidades que ainda possuem seu piso íntegro, prestando serviço, às vezes, por mais de um século.

Por terem um rejunte mínimo, adquirem o aspecto de tapete. *“O artesão deixa um vestígio seu na peça, uma espécie de cicatriz”*, dizia Carvalho. Esse vestígio será reconhecido e lembrado. Todos temos uma lembrança ligada à imagem do ladrilho hidráulico: casa dos avós, colégio, hospital, igreja. O objeto de repente ascende à nossa consciência com a força sensível do afeto. *“O ladrilho hidráulico possui uma ‘presença’”*, ensinava Carvalho. Antropomorfiza-se, configurando-se, simbolicamente, como um parentesco sanguíneo, *“esses deuses domésticos, que são os objetos, se fazem, encarnando no espaço os laços afetivos da permanência do grupo, docemente imortais, até que uma geração moderna os afaste...”*, segundo Jean Baudrillard em seu livro *O sistema dos objetos*.

“O ladrilho hidráulico, como tal, nasce com o cimento portland”, afirma o professor Katinsky, da FAU. Mas antes do advento desse, sabe-se que existiam pisos com materiais locais, terra amalgamada com materiais orgânicos, que são os antecessores do ladrilho. Uma quantidade imensa de bases culturais se entretetece em grande rede histórica, impossível de resgatar essa ancestralidade. Constatamos isso em seu *design* que remete aos mais variados contextos culturais: ora apresenta um desenho egípcio, ora africano, ora bizantino, germânico e assim por diante. A linguagem, a arte, o mito, a religião estão ali estampados. *“O artesanato não tem história”*, diz Octávio Paz, *“se concebemos história como uma sucessão ininterrupta de mudanças. Tradicional, mas não histórico, preso ao passado, mas livre de datas, o objeto artesanal nos ensina a desconfiar das miragens da história e das ilusões do futuro. O artesão não busca vencer o tempo, mas juntar-se aos seus fluxos”*.

Carvalho era cativo de sua beleza e da beleza dos processos de produção artesanais. Encantava-se com o *fazer* do artesão. Com seu ofício, sua beleza poética, dos sentimentos os quais suscita, da alma que mora em cada peça.

A grande diferença entre o artesão e o trabalhador industrial é que o primeiro usa o corpo todo, atento, simbólico, significativo. O segundo usa seus sentidos de modo a priorizar um. Na fábrica ele aperta um botão, observa a máquina, ouve um som que lhe diz do bom andamento da máquina. O processo é muito mais virtual do que real. *“Ele exclui o viver do vivenciar”*, afirma Fayga Ostrower, *“pois*

1) Os pigmentos de óxidos de ferro diluídos para o uso



2) A forma ou molde



3) A forma encaixada no enquadramento de ferro



4) Artesão preenchendo as canaletas com uma cor



5) Artesão preenchendo as canaletas com outra cor



6) Retirada do molde. Depois será espalhado pó secante e as cores ficarão definidas



7) Preenchimento com argamassa



8) Fecha-se a forma para ser prensada



9) O ladrilho vai para a prensa. Com um ou dois impulsos de força, estará pronto



10) O artesão mostra a peça que saiu da prensa

11) Por um dia ficará exposto ao ar para ganhar solidez e ser manuseado



12) É submergido na água para o processo de cura

13) Escorre-se a água e os ladrilhos vão para a prateleira, onde ficam secando. Carvalho em uma de suas visitas à oficina



pós-
031

Fotos: Cândida Maria Vuolo

que este operário nada vai indagar da matéria e nada a ela o vai ligar afetivamente já que não há materialidade”.

“O ladrilho hidráulico é um piso quente. Possui matizes humanos. O mundo precisa de delicadeza e arte”, repetia Carvalho. Ele é feito um por um e isso lhe concede uma irregularidade que o olho humano gosta. Nesse sentido é ecológico, é orgânico. Dura 100 anos ou mais. Ele não vive a meteórica trajetória dos produtos industrializados. Por isso, ao contrário do que sucede com esses, não é dispensado sem dor: “É como jogar fora um amigo”, fala a professora Caru Duprat, da FAAP, em sua dissertação que discute arte e artesanato. Sucedem-se as gerações e o ladrilho hidráulico está aí. A tendência não é destrutiva, é de preservação. Assim, quem escapou da industrialização de forma quase inacreditável começa agora a ter um novo *status*: o do produto, no qual o cliente pode escolher as cores, personalizar. Nota-se, na decoração das casas, uma vontade de voltar a sentir a mão do homem nos objetos e nas formas que nos rodeiam. Cansados do impessoal e da frieza da produção em série, busca-se o valor do sensível.

A ciência da cultura material considera *monumento* também os objetos e seu modo de produção. São dignos de valor, tais quais espécies animal e vegetal, como dizia Carvalho. Acreditamos, também, que o ladrilho hidráulico e seus processos de produção devem ser preservados como um patrimônio. Registrar o fecundo e simbólico universo que carrega consigo “é preservar um pensamento alternativo ao industrializado, é preservar uma fonte de organização mental diversa”, disse-me Marcos Oliveira Costa, professor da FAAP, quando inquirido sobre a relevância de trabalhar esse tema, em uma monografia. E assim, imersa que estava em longas conversas diárias com Carvalho, o tema do ladrilho hidráulico, mais uma vez, nasceu, lírico, colorido e multiplicado, como nasce um ladrilho, das mãos do artesão.

Obs.:

O título *O mago dos ladrilhos hidráulicos* foi extraído do DVD organizado pela Profa. Dra. Élide Monzeglio e um grupo de alunos da pós-graduação da FAUUSP.

Agradecimentos

Brasil Imperial, Ornatos Nossa Senhora da Penha, Dalle Piagge, Ladrilar, Casa Franceza – Rochbeton, pela gentileza com que nos receberam para fotos e entrevistas. E à Profa. Dra. Denise Duarte, ex-editora da *PÓS*, por seu empenho para publicar esta matéria, um sonho que o Carvalho não viu realizado.

Angela Weingärtner Becker

Pós-graduada em História da Arte pela Fundação Armando Álvares Penteado, onde apresentou a monografia *No chão da cidade de São Paulo, o afeto e a memória do ladrilho hidráulico*.

Rua Maranhão, 107/601
01240-001 – São Paulo, SP
(11) 3214-5573
angelwb@uol.com.br

Cândida Maria Vuolo

Arquiteta formada pela FAUUSP e, atualmente, chefe do Laboratório de Fotografia (FotoFAU) da mesma Escola.

Rua do Lago, 876. Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo, SP
(11) 30912-4525
fotofau@usp.br